

Veja
10/10/97
72
52961



Religião

O beato e os bárbaros

Lançado numa cultura que não podia entender, Anchieta viveu para salvar almas, mas até cuidou dos corpos



Ele é um homem de 30 anos e vai presenciar um espetáculo arrepiante. Vai, também, passar por um teste. Como reagirá? Apesar do físico frágil — além da “estatura medíocre”, é “quebrado das costas”, motivo de dores constantes —, tem o tipo de fé que, inconcebível hoje, já causava espanto a seus contemporâneos, há mais de 400 anos. É em nome dessa fé que José de Anchieta supera o

medo e se dispõe a salvar mais uma alma para o paraíso dos cristãos. As razões para o medo são abundantes. Refém voluntário numa aldeia de índios tamoios em Iperoig, onde é a garantia em carne e osso da seriedade da proposta de paz feita pelos colonos portugueses a esses incansáveis guerreiros, Anchieta vive todo o tempo a apenas poucos instantes do golpe de tacape na cabeça que lhe pode abreviar os dias. Sua única garantia é a amizade de um chefe tamoio, a quem chama Pindobuçu, que dá crédito ao propósito pacificador do missionário jesuíta e o toma sob sua proteção. É o

“Ele não quis ser cristão, dizendo-me que os que nós outros batizávamos não morriam como valentes, e ele queria morrer morte formosa e mostrar sua valentia”

conselho de seu protetor que Anchieta desafia ao saber que um guerreiro inimigo, aprisionado numa aldeia vizinha, está prestes a ser sacrificado. Será morto, esquartejado e comido, conforme os costumes indígenas. Salvar sua vida é impossível — o missionário preocupa-se com sua alma. Assim, planeja visitá-lo para “ensinar-lhe as cousas de sua salvação e ver se queria

ser cristão”. Pindobuçu adverte-o: é melhor não interferir, sob risco de vida.

Anchieta vacila. Quem não vacilaria em arriscar a própria pele por um desconhecido? “Eu estive em grande dúvida, e temendo ser temeridade ir adiante, depois de recebido este aviso”, escreveu, um ano depois, em 1564. A missão de que se julga imbuído, no entanto, fala mais forte: “Parecendo-me que aquele contrário estava em extrema necessidade de ajuda espiritual, porque muitos dos tais em aquele tempo recebem o batismo com muita fé, me determinei a ir”. Superando, portanto, o medo, disposto a sacrificar a vida “pela salvação de um meu irmão”, lá vai ele. Como aquele que está para morrer recebe tal gesto? Recusa-o, quase com desdém. Não só aceita seu destino, de ser morto e comido, como tem grande orgulho disso. Anchieta mal esconde a mágoa que a rejeição lhe causa. “Fui; mas pouco aproveitei, que ele não quis ser cristão, dizendo-me que os que nós outros batizávamos não morriam como valentes, e ele queria morrer morte formosa e mostrar sua valentia”, registra.

Levado ao centro da aldeia, “atado com cordas mui longas pela cinta, que três ou quatro mancebos têm bem estiradas”, o índio enfrenta a morte que deseja. Desafia os que vão sacrificá-lo. “Matai-me, que bem tendes de que vos vingar em mim, que comi a fulano vosso pai, a tal vosso irmão, e a tal vosso filho”, transcreve Anchieta, com a segurança de quem, há mais de uma década nesta terra do Brasil, já dominava a língua tupi. A soberbia do prisioneiro é tamanha que não se segue, no seu caso, o ritual do golpe único e fulminante na cabeça. “Saltaram muitos com ele, e a estocadas, cutiladas e pedradas o mataram”, relata o jesuíta. “E estimou ele mais esta valentia que a salvação de sua alma.”

Cap. I. Em chamado o litoral paulista...

Cap. II. Do modo como eleito Provincial, e rito com que governa...

...com seus Comp...
...: He mandado para...
...ente, e dahi para os ca...
...pos de Piratininga, da se...
...cia delles. Fol. 17



Litoral paulista, onde o padre foi refém entre os tamoios: "Estive em grande dúvida, temendo ser temeridade"

V I D A
VENERAVEL PADRE
EPH DE ANCHIETA
MPANHIA DE IESV, TAVM...
ANCHIETA
SV, TAVM, MATVRG
rouinc... do Brasil
1714

Cap. VI. Modos varios com que converteo muitas almas por si, e seus discipulos; E modos varios com que o Inferno opera em estornar. Fol. 28.

MONTAGEM LUCIA MIKOLIN LOEB

Como reage diante disso um europeu, nascido em território de uma Espanha mal saída da era medieval, que descobriu a vocação religiosa com apenas 17 anos e a abraçou com fervor ortodoxo? Que ainda quase adolescente chegou ao Brasil recém-descoberto, uma terra formidavelmente diferente de tudo o que conhecia e “povoada por índios que usam todos comer em seus banquetes carne humana, no que mostram achar grande prazer e doçura”? Quatro séculos depois, a antropologia moderna esmiuçou a sociedade tupinambá, os nativos que se estendiam desde o que é hoje o litoral sul do Estado de São Paulo até além do Ceará e entre os quais Anchieta viveu sua experiência como refém em Iperoig. Era uma sociedade guerreira, em estado de conflito permanente com seus “contrários”, os tupiniquins. Nela, o guerreiro existe para o combate, a execução prática da vingança coletiva, que vem de um passado distante e se lança sobre o futuro. Matar o inimigo, em guerra ou depois de feito prisioneiro, quando então é comido pela aldeia, é ato fundamental de sua cultura. Mais ainda: morrer, em combate ou abatido em cativeiro, para ser devorado, abre-lhe caminho para a “Terra sem mal”. É morte dos bravos, dos honrados, dos abençoados.

Nem europeu algum que aqui chegava no século XVI dispunham, por certo, de sustentáculo antropológico para entender, muito menos aceitar, a cultura sobre a qual despencavam como astronautas vindos de outro planeta. Era essa gente, indecifrável a seus olhos, “de tal forma bárbaros e indômitos que pareciam aproximar-se mais à natureza das feras que a dos homens”, que vinham converter, dominar, aliciar, subjugar ou escravizar, conforme seus interesses específicos. O de Anchieta era convertê-los, e foi a isso que se dedicou, desde sua chegada ao Brasil, para onde fora mandado com apenas três anos de formação no colégio dos jesuítas por motivo de saúde — é possível que sofresse de tuberculose osteoarticular. Se os seus pulmões estivessem comprometidos, o que é menos comum nesses casos, ele teria contribuído involuntariamente para uma das inúmeras “pestes” que acometeram os índios em contato com os europeus. “Corria o ano de nossa redenção de 1553

e corria ainda, como coisa nova e portentosa entre as gentes, o estranho descobrimento do novo mundo, que aparecera entre o abismo das águas do oceano, povoado de nações sem número de gentilidade, desamparado do socorro evangélico e alheio do conhecimento da fé”, escreveu, no início do século seguinte, um dos biógrafos de Anchieta, Simão de Vasconcelos. Daqui não mais saiu até sua morte, mais de quarenta anos depois, já louvado pelas autoridades como Apóstolo do Brasil, pranteado pelos índios “amigos” e cultuado pelo povaréu como milagreiro.

Passadas algumas décadas de sua morte, o elenco de milagres a ele atribuídos, na esteira da credence popular e da campanha dos jesuítas para sua canonização, era extensíssimo. Em sua *Vida do Venerável Padre José de Anchieta*, publicada pela primeira vez em 1672 e baseada em trabalhos anteriores de outros biógrafos jesuítas, Simão de Vasconcelos enumera-os em enorme quantidade. Anchieta, segundo esse relato, fazia revelações e profecias, lia pensamentos, falava com os animais, curava doentes, ressuscitava mortos, levitava, dominava os elementos naturais. As maravilhas transitavam pelo terreno do prosaico até o poético (a invocação dos guarás para proteger os irmãos do sol com suas magníficas penas vermelhas) e o espantoso. Ele podia, como quem não quer nada, dizer a um sujeito que um estilhaço de mosquete que trazia encravado na perna, lembrança de uma antiga batalha, iria cair naturalmente dali a tantos anos e, na data prevista, pimba, lá se ia o incômodo. À maneira de Frei Damião, adivinhava “pecados” secretos, como os dos infelizes que, casados em Portugal, aqui constituíam nova família — um deles, de tão atormentado pelo irmão José, largou a mulher com quem vivia havia quarenta anos, filhos e fazenda, para retomar o único matrimônio reconhecido pela Igreja. Politicamente incorreto, ajudou com sua visão extra-sensorial um tal Brás Gonçalves a recuperar escravos fugidos e escondidos na mata. No capítulo dos espantos, nada se compara ao episódio ocorrido durante uma missão ao sertão profundo. A canoa em que iam despenca numa cachoeira e Anchieta desaparece. Um dos índios do grupo, Araguaçu, mergulha incessantemente durante meia hora até encontrá-lo no fundo do rio, sentado, em perfeita calma. Alvo da curiosidade dos companheiros, ele explica, não sem certo senso de humor, que nesse tempo todo “só estivera cuidando de três cousas: de Jesus, de Maria e de não beber água”.

Além de sua obra literária, Anchieta, felizmente, deixou es-



critos abundantes — como escreviam os ibéricos naquele tempo e, entre eles, mais que todos, como escreviam os jesuítas, obrigados a mandar relatórios periódicos a seus superiores. É nessas cartas que se encontra a fonte mais direta e menos delirante do que foi a vida do missionário nascido nas Canárias, com suas aventuras, suas dificuldades, suas contradições. Anchieta passou

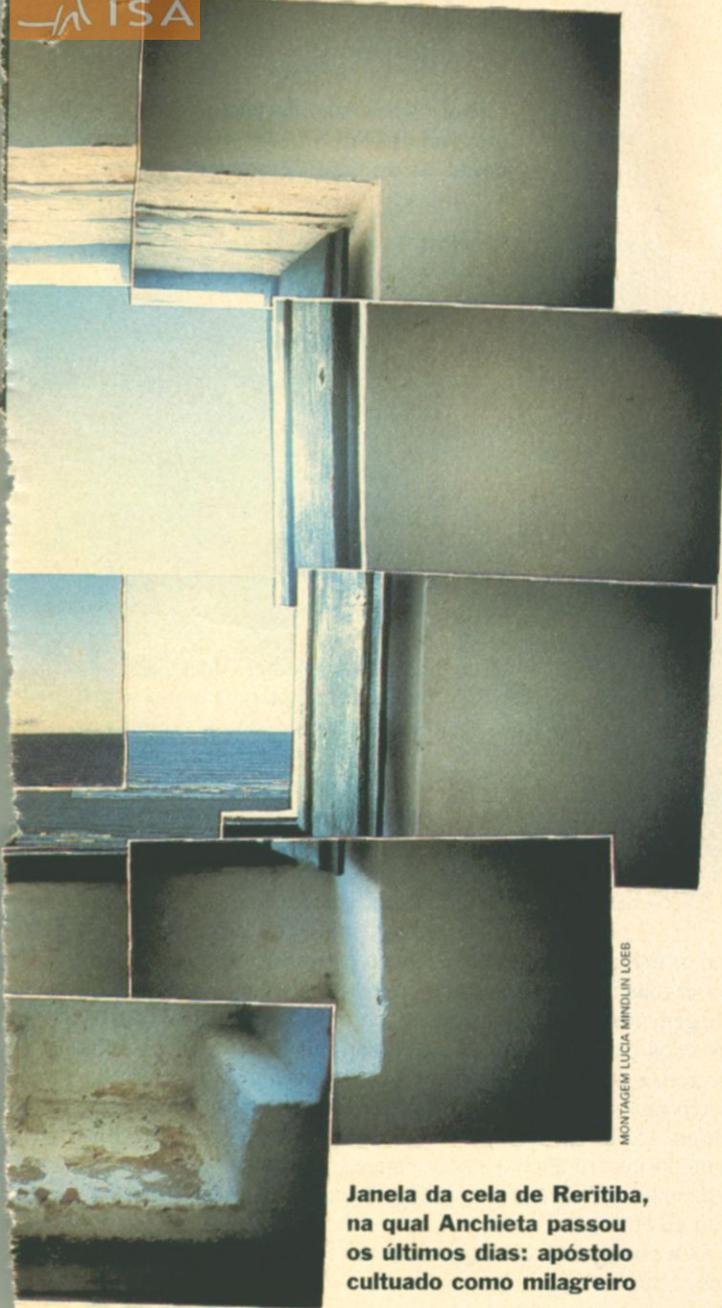
boa parte de suas quatro décadas de Brasil entre o litoral da capitania de São Vicente e Piratininga, onde a “pau-pérrima e estreitíssima casinha” dos jesuítas deu origem ao colégio e à igreja em torno dos quais se congregaria a vila de São Paulo. Embrenhou-se em missões religiosas e políticas, acompanhou a esquadra de Estácio de Sá que combateria os franceses no Rio de Janeiro — “terra de grandes e altíssimos montes e penedias, e ao entrar da barra tem uma pedra mui larga ao modo de

189

Cap. XI. De outras reuelações,
& profecias do mesmo tempo, fol. 195

Cap. XII. De outros milagres
que fez em S. Vicente, fol.

203

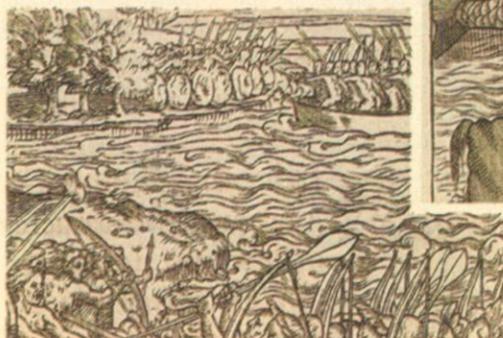


MONTAGEM LUCIA MINDLIN LOEB

Janela da cela de Reritiba, na qual Anchieta passou os últimos dias: apóstolo cultuado como milagreiro

um pão de açúcar e assim se chama, de mais de 100 braças em alto, que é cousa admirável". Morou na Bahia, por pouco tempo, e terminou os dias no Espírito Santo.

Foi uma vida de sacrifícios formidáveis, a começar pelas condições da terra e precariedade de recursos. "Fazemos vestidos, sapatos, principalmente alpercatas de um fio como cânhamo, que nós outros tiramos de uns cardos lançados n'água e curtidos, cujas alpercatas são mui necessárias pela aspereza das selvas e das grandes enchentes d'água", descreveu ele. "Muitas vezes estamos mal dispostos e fatigados de dores, desfalecemos no caminho, de maneira que apenas o podemos acabar", lamenta, na mesma carta. "Mas nada é árduo a quem tem por fim somente a honra de Deus e a salvação das almas, pelas quais não duvidamos dar a vida."



Nessa batalha pela conversão dos gentios, como eram chamados todos os não-cristãos, a recém-fundada Companhia de Jesus (veja quadro na pág. 56) tinha uma estratégia firmada: visava as crianças, os meninos, naturalmente mais permeáveis à doutrinação, como confirmariam neste século os regimes totalitários, desde a Alemanha nazista até o Khmer Vermelho no Camboja. Com os adultos, os padres iam mais devagar, para que "se arraigassem na fé e se desarraigassem dos ritos gentílicos, especialmente vinhos demasiados, muitas mulheres e gula de carne humana", explicou Simão de Vasconcelos. O próprio Anchieta ilustra a cooptação dos pequeninos com palavras que soam duríssimas: "Temos também em casa conosco alguns filhos dos gentios, que atraímos para nós de diversas partes, e estes até abominam os costumes paternos a tal ponto que, passando por aqui para outro lugar o pai de um e vendo o filho, este longe de mostrar para com ele o amor de filho, pelo contrário só lhe falava rarissimamente e de má vontade, e compelido por nós".

Afastados dos pais, os meninos eram instruídos na inflexível disciplina jesuíta: reza, catecismo e autoflagelação. "Antes do meio-dia, depois da lição, recitam juntos na igreja a ladainha e depois do meio-dia, entoando o cântico Salve Rainha, se dispersam; em cada sexta-feira, disciplinando-se com suma devoção até fazerem sangue, saem em procissão", descreve Anchieta. Aos adultos, os padres impressionavam com a descrição do "rigor dos castigos eternos com que haviam de ser punidos os que comiam carne humana" e, em contrapartida, a promessa de benesses paradisíacas, além da fama de que falavam com Deus e dele ouviam seus segredos. Mesmo índios convertidos e batizados, no entanto, revertiam rapidamente para sua cultura. O irmão José relata, aborrecido, o caso de um índio cristão que, doente, se confessou, preparando-se para o Paraíso prometido pelos padres. Mas bastou chegar "um benzedor do sertão e o enfermo se deixou esfregar por aquele, e chupar segundo o rito dos gentios", escreve ele, relatando os métodos curativos dos pajés. Entre os jovens catecúmenos, doutrinados desde cedo, muitos "chegando aos anos da puberdade,

*"Muitas vezes
estamos mal
dispostos e
fatigados de dores,
desfalecemos
no caminho, de
maneira que apenas
o podemos acabar"*



Rio: "Ao entrar da barra tem uma pedra mui larga ao modo de um pão de açúcar"



"Melhor serem enviados à Espanha, onde há menos inconvenientes e perigos para serem ruins que aqui, onde as mulheres andam nuas e não sabem se negar"

a seus pais em maldade, quanto antes em bondade, e com tanta mais sem-vergonha e desenfreamento se dão a borracheiras e luxúrias". Até os meninos órfãos enviados de Portugal e mestiços naturais do Brasil, todos criados pelos padres, rebelavam-se. Anchieta chega a propor que tão logo atingissem a adolescência fossem enviados à Espanha, "onde há menos inconvenientes e perigos para serem ruins que aqui, onde as mulheres andam nuas e não sabem se negar a ninguém, mas até elas mesmas cometem e importunam os homens, jogando-se com eles nas redes".

O comportamento sexual dos nativos evidentemente confran-

começaram a apoderar-se de si, vieram a tanta corrupção, que tanto excedem agora

mo os índios só levavam em conta o parentesco pelo lado paterno, as relações incestuosas com irmãs, primas e sobrinhas pela linhagem materna eram naturais. "Contraído o matrimônio com os mesmos parentes e primos, se torna difícilimo, se porventura queremos admiti-los ao batismo, achar mulher que, por causa do parentesco de sangue, possa ser tomada por esposa", explicava ele em 1554. "Por isso, parece grandemente necessário que o direito positivo se afrouxe nestas paragens, de modo que, a não ser o parentesco de irmão com irmã, possam em todos os graus contrair casamento."

Os portugueses que aqui viviam e se adaptavam rapidamente aos costumes locais eram motivo de escândalo maior ainda. Anchieta não poupa críticas à "detestável maldade dos próprios cristãos", ao mencionar o caso dos filhos de pai cristão e mãe índia

gia os bons padres, afeitos ao cilício (um cinto ou uma túnica inteira de material áspero que espicaça a pele) e às disciplinas (cordas com que se auto-açoitavam) para domar os apelos da carne. Numa rara demonstração de flexibilidade, Anchieta chega a propor um abrandamento nas proibições de casamento entre parentes —



Os caçadores do Senhor

Quando José de Anchieta descobriu a vocação religiosa, aos 17 anos, se associou para sempre, na vida e depois dela, a uma ordem religiosa fundada apenas uma década antes, em 1540, a Companhia de Jesus. Nascida da visão mística, política e militar do basco Inácio de Loiola, a ordem se dedicaria a produzir santos,

contradições e polêmicas em quantidades prodigiosas, o que lhe valeu glórias sublimes e derrotas arrasadoras. Desde o início, a sua missão era apostólica. De suas fileiras saíam os combatentes de Cristo enviados ao Oriente e ao Novo Mundo, nas fronteiras recém-abertas pela era dos descobrimentos. "Missões das almas no Brasil vêm a ser o

alvo principal dos filhos verdadeiros da Companhia", escreveu Simão de Vasconcelos, um dos biógrafos de Anchieta, ao resumir a atuação dos jesuítas. "A este efeito são mandados a esta vasta região, quais caçadores do Senhor, a tirar das brenhas de seus sertões milhares de milhares de homens que, em verdade racionais, vivem como brutos e feras."

Com fama de incorruptí-

veis numa época em que a devassidão moral da Igreja produzira a reação protestante, os jesuítas formaram quadros disciplinados, independentes e fervorosos. Conquistaram rapidamente posições em duas áreas importantes: nas missões ultramarinas, em que potências coloniais como Portugal e Espanha avançavam a conquista territorial e comercial, e nas instituições de ensino europeias. Foi no



LUCIA MINDLIN LOEB

que “não cessam, juntamente com seu pai, de empregar contínuos esforços para derrubar a obra que, ajudando-nos a graça de Deus, trabalhamos por edificar”. Os protopaulistas, que cada vez mais se envolveriam em conflitos com os padres na disputa para subjugar e escravizar os brasileiros nativos, freqüentemente pouco diferiam de seus parentes índios. “Tendo, pois, um destes cristãos cativado um dos inimigos na guerra de que acima fiz menção, trouxe-o a um seu irmão para que o matasse, o qual o matou, pintando-se de encarnado nas pernas e tomando o nome do morto por insigne honra; se não comeu, deu certamente a comer aos índios”, indigna-se Anchieta. Outro foi mais além no desafio. Ameaçado duas vezes com a possibilidade de ser entregue à Inquisição se reincidisse em “certas práticas gentílicas”, respondeu com soberbia: “Acabarei com as Inquisições a flechas.”

Insolência tamanha não pode ser atribuída ao isolamento e à vastidão das terras brasileiras. A Santa Inquisição, a implacável máquina montada pela Igreja para eliminar, fisicamente se necessário, hereges e dissidentes, já andava por aqui. O peso da mão da Igreja foi sentido no caso mais controvertido envolvendo Anchieta e um dos motivos do atraso em seu processo de beatifica-



Cap. I. **D**A Rebelião dos Índios Tamoyos confederados com a nação Franceza contra os Portuguezes no Rio de Janeiro. F. l. 55

ção — o do francês Jean des Boulez, conhecido pelo nome aporuguesado de João Bolés. Nas primeiras biografias de Anchieta,

escritas pelos próprios jesuítas, consta que Bolés, fidalgo luterano que chegou ao Brasil com Villegaignon, o fugaz conquistador do Rio de Janeiro, acabou executado como herege. Antes, foi convencido por Anchieta a abandonar a prática herética, como a Igreja chamava o protestantismo. O algoz que o executaria, porém, era “pouco destro no ofício”, segundo Simão de Vasconcelos, e prolongava “o penitente no tormento demasiadamente”.

Receoso de que, diante de tanta tortura, o francês voltasse atrás na conversão, José de Anchieta “entrou em zelo, repreendeu o algoz e instruiu-o ele mesmo de como havia de fazer o seu ofício com a brevidade desejada”.

A documentação histórica parece eximir Anchieta de participação na morte de Bolés. Numa de suas cartas, enviada em 1560 ao Geral da Companhia de Jesus, ele menciona um francês muito culto que derramava a “peçonha luterana” sobre o “vulgo imperito” — perfil semelhante ao de Bolés. O tal francês deu um trabalho tremendo aos padres, conquistando ouvintes entusiasmados com sua “sabedoria e eloquência”. Os padres reagiram, exigindo um processo eclesiástico. Foram realizadas duas devassas — com depoimentos de Anchieta, Nóbrega e outros je-

Oriente, primeiro, e depois na América, que veio à tona uma face de suas muitas contradições em relação ao poder temporal e dentro da própria Igreja. Pragmáticos, eles introduziam adaptações litúrgicas e até algumas liberdades doutrinárias para levar os ensinamentos da Igreja a sociedades não europeias, desde a China até os sertões brasileiros.

O combate mortal, no entanto, aconteceu na Euro-

pa. O poderio multinacional dos jesuítas, somado à influência que haviam conquistado com os sucessivos papas, transformou-se em ponto negativo quando os Estados nacionais entraram numa etapa de afirmação e de imposição de limites às prerrogativas da Igreja. O ataque inicial, fulminante, foi desfechado pelo marquês de Pombal ao expulsar os jesuítas de Portugal, em 1759. Sobrou, também, para

os padres da ordem no Brasil — até um “bauzinho de jacarandá” contendo os ossos de Anchieta foi confiscado e enviado para Lisboa. Seguiram-se as expulsões da Espanha, de Nápoles e da Toscana. Em 1773, o papa Clemente XIV assinou, sob pressão das monarquias circundantes, a supressão da Companhia de Jesus. Vários padres chegaram a ser presos e alguns morreram no cárcere. A ordem só foi res-

taurada em 1814. A tradição de influência, eficiência propagandística e autonomia se manteve, acrescida mais recentemente de uma vertente progressista. Os problemas também reafioraram. No começo da década de 80, João Paulo II interveio diretamente na Companhia, em processo de rebelião hierárquica, nomeando um superior de sua confiança.

“Para este gênero de gente não há melhor pregação do que espada e varas de ferro. Nenhum ou certamente muito pouco fruto se pode colher deles”

Paternidade ocasião de grande dor, considerando quão pouco caso se fez entre os cristãos fiéis da causa da fé”.

O tom queixoso aparentemente confirma que se tratava de Bolés, protegido pelas autoridades civis da ira da Igreja por ter rompido com Villegaignon e se tornado um informante precioso para os portugueses. Bolés, indicam os documentos históricos, chegou a ser entregue à Inquisição em Lisboa, mas se converteu e passou só três meses no cárcere. E de onde saiu a versão de sua morte no Rio de Janeiro, com intervenção direta do beato? Segundo o padre Hélio Abranches Viotti, estudioso da vida de Anchieta, de cuja causa já foi postulador, houve confusão entre o caso de Bolés, o huguenote erudito, e o de “um francês anônimo, apanhado na Guanabara de armas na mão, a combater o domínio português em companhia de outros”. Viotti, que aos 91 anos ainda se exaspera com a confusão entre os dois casos, sustenta que Anchieta limitou-se a “repreender o algoz, que se embarçava em seu ofício, ordenando-lhe que o fizesse bem”. Não é a mesma coisa interferir na execução de um fidalgo letrado ou na de um soldado desconhecido? “O caso foi profunda e completamente discutido em Roma”, escreve Viotti. “Não só se inocenta aí Anchieta de pecado, sequer material, como se prova não ter ele incorrido absolutamente em qualquer irregularidade canônica, já que no caso específico não infringiu ele nenhuma lei da Igreja, antes praticou então um ato exímio de caridade.”

O caso Bolés é uma quizília do passado. O que se discute hoje é a ação missionária de Anchieta. O padre jesuíta foi o homem

suftas. O ouvidor eclesiástico, porém, absolveu o réu. Anchieta conclui seu relato de forma enigmática: “Depois disto o mandaram para a Baía, para lá se conhecer mais amplamente da sua causa e o que lá e aqui se fez acerca dele, e para que por cartas particulares se saiba e não é cousa que convenha para carta geral, calarei: somente direi que se tratou a cousa de maneira, que terá Vossa

que chamava os índios de “uma gente má, bestial e carniceira”. Chegou a comemorar o subproduto de uma das guerras na região de Piratininga, porque os índios que ali habitavam, dispersos, tiveram de se congregarem na aldeia, onde se colocavam sob o domínio dos missionários. “Para este gênero de gente não há melhor pregação do que espada e varas de ferro”, escreveu. Nos momentos mais radicais de Anchieta, os índios, que “não são sujeitos a nenhum rei ou capitão e por isso comumente recalcitram, porque não há quem os obrigue a obedecer”, eram almas a ser conquistadas na marra, literalmente. “Nenhum ou certamente muito pouco fruto se pode colher deles, se a força e o auxílio do braço secular não acudir para domá-los e submetê-los ao jugo da obediência”, escreveu.

Anchieta foi também o homem que, refém voluntário dos tamoios, não aceita, como condição para a paz, a entrega dos aliados índios aos inimigos tribais. Furioso com a recusa, o chefe tamoio que exige a troca ameaça quebrar a cabeça de Anchieta e seu companheiro de cativo. “A quebraríamos mui de grado por causa tão justa, porque não só nos pediam carne humana para comer, mas ainda aos inocentes que por nos defender se haviam feito inimigos dos seus”, registrou ele. O mesmo Anchieta que vilipendiava os “bárbaros”, dedicava-se a tentar curá-los, em circunstâncias impressionantes quando as doenças transmitidas pelos europeus os atacavam. “É cousa terrível: cobre-se todo o corpo dos pés à cabeça de uma lepra mortal que parece couro de cação e ocupa logo a garganta por dentro e a língua”, disse o padre sobre uma dessas pestes. Anchieta chegava a sangrar — um dos parquíssimos recursos curativos de que dispunha — de dez a doze índios por dia e alimentava os doentes abandonados pelas famílias.

Não é justo, obviamente, julgar pelos padrões de hoje um religioso do século XVI, de uma época em que a Igreja ainda discutia se os índios tinham alma (concluiu a favor) e aceitava sua escravização desde que produto de uma “guerra justa”. Anchieta não demonstrou, nesse campo, nenhuma precocidade. Ergueu, porém, sua voz em defesa dos índios contra os portugueses que “lhes têm ocupado suas terras, que eles têm por carta” e pediu a proteção da Coroa, pelo menos para os cristianizados, face à “tirania que com eles usam, obrigando-os a servir toda a sua vida como escravos, apartando mulheres de maridos, pais de filhos, ferrando-os, vendendo-os etc”. Anchieta foi especialmente comparado a um contemporâneo seu como Bartolomeu de las Casas, o dominicano espanhol que tinha uma extraordinária “consciência da alteridade”, como se diz no jargão antropológico contemporâneo, e lutou o bom combate contra a escravização das populações nativas das Américas. Foi, contudo, mais do que muita gente faz hoje, nesse fim de século em que se cultiva o multiculturalismo nos círculos intelectuais e os “brasis” remanescentes do povo massacrado na colonização continuam a ter problemas não muito diferentes dos de 400 anos atrás.



LUCIA MINOLIN LOEB



Histórias para europeu ler

Nos relatos sobre tudo “o que seja digno de admiração”, Anchieta fala com pragmatismo das estranhezas do Brasil



As enchentes de São Paulo já eram famosas em meados do século XVI. “No inverno e no verão há grandes chuvereiros, que servem para temperar os ardores do sol”, escreveu José de Anchieta, relatando a situação climática na quase desconhecida “Piratininga, que fica no interior das terras, a 30 milhas do mar”. Desde aquele tempo, era chuva que não acabava mais. “Na prima-

vera, que principia em setembro, e no estio, que começa a vigorar em dezembro, as chuvas caem abundantemente, com grande tormenta de trovões e relâmpagos. Então, há não só enchentes de rios, como grandes inundações dos campos.” Desde a chegada dos primeiros portugueses, esta terra estranha e ignota foi abundantemente descrita por europeus que aqui aportavam — quanto mais estranha, a seus olhos, mais se sentiam compelidos a escrever sobre ela. Anchieta o fazia por vocação, dada a sua prolífica veia literária, e obediência. Na carta mais extensa sobre a terra, a fauna e a flora do Brasil, datada de 1560, ele atende a um pedido do padre-geral dos jesuítas para “escrevermos acerca do que seja digno de admiração ou desconhecido nessa parte do mundo”.

Assunto é o que não faltava. A natureza do Novo Mundo era um assombro, com seus bichos exóticos, cobras formidáveis, insetos jamais vistos pelos europeus. Era para eles que Anchieta escrevia, daí o acento no exotismo, mas com a vantagem de uma convivência íntima, ditada pela sobrevivência no dia-a-dia. Quando

fala nos animais, por exemplo, ele frequentemente acrescenta detalhes pragmáticos — as onças são “boas para se comerem”, a carne de macaco faz bem aos doentes e a dos papagaios, embora também recomendada, em alguns casos provoca prisão de ventre. “A divisão das estações do ano é totalmente oposta à ma-

neira por que aí se compreende; porque, quando lá é primavera, aqui é inverno, e vice-versa”, explica Anchieta aos interlocutores d’além-mar. “Ambas, porém, são de tal modo temperadas, que não faltam no tempo de inverno os calores do sol para contrabalançar o rigor do frio, nem no estio, para tornar agradáveis os sentimentos, as brandas aragens e os úmidos chuvereiros.” Na fauna fluvial, o que mais merece atenção é “um certo peixe, a que chamamos *boi marinho*, os índios os denominam *iguaraguá*, frequente na capitania do Espírito Santo e em outras localidades para o Norte”. Alimentam-se de ervas, amamentam os filhotes e “excedem o boi na corpulência”.

Nada, porém, que se compare às sucuris. “Não é fácil acreditar-se na extraordinária corpulência destas cobras”, acautela o padre, antevendo a incredulidade. “Engolem um veado inteiro e até animais maiores; isto tem sido observado por todos; alguns dos nossos irmãos o viram com espanto e até um deles, vendo uma serpente a nadar no rio, pensou que era um mastro de navio.” Os jacarés, “lagartos que vivem do mesmo modo em rios, cobertos de escamas duríssimas e armados de agudíssimos dentes”, também são enormes, “de modo que podem engolir um homem”. Caçados a duras penas, “as suas carnes, que são boas de comer-se, cheiram a almíscar, maxime nos testículos, que é onde está a maior força do cheiro”. Igualmente palatáveis, as herbívoras capivaras, “pouco diferentes dos porcos”, têm temperamento mais brando: “domesticam-se e

criam-se em casa como os cães”.

“Há muitas lontras, que vivem nos rios; das suas peles, cujos pêlos são muito macios, fazem-se cintos. Há também outros animais quase do mesmo gênero, designados no entanto por nome diverso entre os índios e que têm idêntico uso”, prossegue Anchieta, referindo-se provavelmente às ariranhas, protagonistas de um episódio singular. “Há pouco tempo tendo um índio atravessado com a flecha a um deles e saltando na água para apanhá-lo, apareceu uma multidão de ou-





DE FRESCURA.

É LUGAR DE F-1000.





tros que estavam debaixo d'água, acometeram-no com unhas e dentes de tal maneira que, trazendo com dificuldade o que havia morto, saiu quase em pedaços." Preciso na descrição dos animais e em suas denominações na língua indígena, que dominava, Anchieta

explica razoavelmente bichos como o tamanduá ("tem o pescoço comprido e fino; cabeça pequena e mui desproporcionada ao tamanho do corpo; boca redonda: a língua distendida tem o comprimento de três palmos só na porção que pode sair fora da boca, a qual costuma, pondo-a para fora, estender nas covas das formigas, e logo que estas a encham de todos os lados, ele a recolhe para dentro da boca, e esta é a sua refeição ordinária") e o chamado de *aig* pelos índios e pelos portugueses de preguiça "por causa da sua lentidão em mover-se". No caso da anta, atrapalha-se. "Há outro animal, bastante freqüente, próprio para se comer, chamado pelos índios *tapiira* e pelos espanhóis *antas*; julgo que é o que em latim se chama *alce*", escreve ele.

A "grande cópia de moscas e mosquitos" azucrinava os europeus. "Uns têm o ferrão e as pernas compridas e sutilíssimas; furam a pele e chupam o sangue", diz Anchieta sobre os pemilongos. "Outros chamados *mariguá*, e que habitam à beira-mar, são uma praga terrível; são tão pequenos que mal os pode perceber com a vista; é mordido, e não vê quem te morde; sentes-te queimar e não há fogo em parte alguma; se te coças com as unhas, maior dor sentes." Mais intrigantes ainda são as taturanas, das quais há tipos que "são venenosos e provocam desejos libidinosos", atesta Anchieta, para encerrar com uma explanação horripilante: "Os índios costumam aplicá-los às partes genitais, que assim incitam para o prazer sensual; incham elas de tal modo que em três dias apodrecem, donde vem que muitas vezes o prepúcio se fura em diversos lugares, e algumas vezes o mesmo membro viril contrai uma corrupção incurável". Melhor breve contra a luxúria não poderia existir.

Dos macacos, "há uma infinita multidão". "Vivem sempre nos matos, saltando em bandos pelos cumes das árvores, onde se, por causa da pequenez do corpo, não podem passar desta árvore para aquela que é maior, o chefe da tropa, curvando um ramo, que ele segura com a cauda e com os pés, e segurando outro macaco com as mãos, dá caminho aos

restantes, fazendo uma espécie de ponte, e assim passam com facilidade todos", conta Anchieta. Depois de dizer que as "fêmeas têm mamas como as mulheres; os filhos pequenos agarrados sempre às costas e ombros das mães, correm daqui para ali", ele deixa uma curiosidade no ar: "Contam-se deles cousas maravilhosas, que omito por incríveis". O padre não se furta, porém, a dar como verdadeiras as lendas indígenas, como a do curupira e a do boitatá. "É cousa sabida e pela boca de todos corre que há certos demônios, a que os brasis chamam *curupiras*, que acometem aos índios muitas vezes no mato, dão-lhes de açoites, machucam-nos e matam-nos. São testemunhas disto os nossos irmãos, que viram algumas vezes os mortos por eles", atesta Anchieta. Quanto ao *baetatá*, "o que seja isto, ainda não se sabe com certeza", mas a descrição é igualmente assustadora — "não se vê outra cousa senão um facho cintilante correndo daqui para ali; acometem rapidamente os índios e mata-os, como os *curupiras*".

A explicação para tamanha credulidade por parte de um homem que, embora sem formação científica, em geral traça um retrato bastante preciso da fauna e da flora brasileira estava no próprio sistema de crenças do padre quinzentista: tudo era possível numa terra ainda não redimida pela palavra de Cristo. "Há também outros espectros do mesmo modo pavorosos, que não só assaltam os índios, como lhes causam danos", garante ele. "O que não admira, quando por estes e outros meios seme-

lhantes, que longo fora enumerar, quer o demônio tornar-se formidável a estes brasis, que não conhecem a Deus, e exercer contra eles tão cruel tirania." Para essa gente, cuja redenção das garras da tirania demoníaca contribuiria para levá-la ao quase extermínio, Anchieta tem umas poucas palavras simpáticas: "Destes brasis direi, em último lugar, que quase nenhum se encontra entre eles afetado de deformidade alguma natural; acha-se raramente um cego, um surdo, um mudo ou um coxo, nenhum nascido fora do tempo". A ausência de anomalias era produto do infanticídio, prática comum entre os índios, como sabia o padre — que, nesse caso, curiosamente não associa os dois fatos. ■

"Há grande cópia de mosquitos. Uns têm o ferrão e as pernas compridas; furam a pele e chupam o sangue"



MONTAGEM LUCIA MINDLIN LOEB